

## OS GÊNEROS DO DISCURSO NAS VISÕES DE ARISTÓTELES E BAKHTIN

Mariano Magri  
PUC/SP

### RESUMO

Este artigo examina a noção de gêneros do discurso a partir de duas perspectivas teóricas distintas e historicamente afastadas: Aristóteles, na tradição da retórica clássica, e Mikhail Bakhtin, no âmbito da linguística e da filosofia da linguagem do século XX. Em Aristóteles, os gêneros do discurso constituem uma classificação argumentativa vinculada às finalidades persuasivas da retórica e organizam-se em três espécies — deliberativo, forense e demonstrativo — cada qual orientado por propósitos pragmáticos específicos. Em Bakhtin, ao contrário, o gênero do discurso é concebido como um tipo relativamente estável de enunciado, determinado por três elementos indissociáveis: conteúdo temático, estilo e construção composicional, resultantes da atividade comunicativa em contextos histórico-ideológicos concretos. A partir da análise comparativa de trechos discursivos reais, o estudo evidencia que o termo “gênero do discurso” assume sentidos distintos nas tradições aristotélica e bakhtiniana, o que exige cautela em usos interdisciplinares. Conclui-se que, enquanto Aristóteles busca tipificar estratégias argumentativas, Bakhtin prioriza a compreensão do enunciado como unidade dialógica da interação verbal.

**Palavras-chave:** Gêneros Retóricos. Argumento. Gênero do Discurso. Enunciado.

### ABSTRACT

This article examines the concept of **speech genres** from two contrasting theoretical frameworks: **Aristotle's** classical rhetoric and **Mikhail Bakhtin's** twentieth-century philosophy of language. For Aristotle, speech genres constitute an argumentative classification rooted in the persuasive aims of rhetoric and are divided into three species—deliberative, forensic, and demonstrative—each defined by its pragmatic purpose. In contrast, Bakhtin conceives speech genres as relatively stable types of utterances shaped by three inseparable components: thematic content, style, and compositional structure, all derived from concrete historical and ideological conditions of human communication. Through the analysis of real discursive excerpts, the study demonstrates that the term “speech genre” carries distinct meanings in Aristotelian and Bakhtinian traditions, thus requiring careful interdisciplinary use. The paper concludes that while Aristotle seeks to systematize persuasive strategies, Bakhtin emphasizes the utterance as a dialogic unit of verbal interaction.

**Keywords:** Rhetorical Genres. Argument. Speech genre. Announced.

## Considerações Iniciais

O método científico é que temos de menos incerto para a construção do saber. Pautado no princípio do uso da racionalidade dentro de procedimentos bem delineados, gera caminhos que autorizam os pesquisadores, ainda que temporariamente, fazer afirmações verossímeis sobre a realidade. No entanto, a complexidade ontológica dos fenômenos naturais e culturais, bem como as suas mutações, é concomitante, isto é, a realidade é o todo. Todas as perspectivas imagináveis se apresentam de modo simultâneo, mas as teorias utilizadas para explicá-las tendem a ser mais assertivas quanto menor for o objeto da realidade estudado.

A título de exemplo, a linguagem humana pode ser observada por tantos pontos de vista, que a ciência voltada a decifrá-la se fragmenta em áreas especializadas para compreendê-la com mais acuracidade. Os especialistas aprofundam seus olhares na fonética, na fonologia, na sintaxe, na semântica, nas figuras de linguagem, no discurso, dentre tantos outros ângulos possíveis, mas a linguagem humana funciona em todos seus aspectos ao mesmo tempo e não há ciência capaz de absorvê-la em sua totalidade.

Para suavizar o impacto desse carácter minimalista de investigação da realidade, muitos pesquisadores lançam mão da interdisciplinaridade, que favorece uma visão um pouco mais abrangente sobre o objeto estudado, e se valem de teorias de outras áreas para contribuir na sustentação dos resultados obtidos. Grosso modo, essa intersecção pode ocorrer entre áreas distintas, como, por exemplo, a psicologia e a linguística ou, dentro de áreas correlatas, como a semântica e a literatura. Todavia, embora essa prática possa ser muito positiva, exige cautela do pesquisador na utilização de termos homônimos que partem de pressupostos distintos em suas ciências de origem.

No Brasil, em 1997, o Ministério da Educação – MEC lançou os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs. Como diz o próprio nome, são parâmetros utilizados como base para o ensino das matérias do currículo escolar. No caso da Língua Portuguesa, os parâmetros versam sobre a estreita relação entre o domínio da língua e a participação social. Diz o MEC que todo texto se organiza dentro de um gênero discursivo. “Os vários gêneros existentes, por sua vez, constituem formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura, caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e

construção composicional”<sup>1</sup>. Essa caracterização de gênero do discurso tomou, na íntegra, a definição do filósofo russo Bakhtin<sup>2</sup> e, por força dos PCNs, se popularizou em muitos trabalhos didáticos e de pesquisas voltados às áreas da Linguística e da Análise Dialógica do Discurso – ADD.

Entretanto, mais de vinte séculos antes de Bakhtin, o filósofo grego Aristóteles<sup>3</sup> cunhou o termo “gênero de discurso”, na área da Retórica, com propósito diferente. Então, neste artigo, evidenciamos que as intersecções entre as áreas da Linguística e da Retórica, especificamente no que se refere ao uso do termo “gênero do discurso”, requer muita prudência.

O objetivo deste trabalho, portanto, é mostrar a diferença dos conceitos de gênero de discursos entre as visões aristotélica e bakhtiniana, por meio da análise de alguns textos, evidenciar o que cada um desses autores busca teorizar e fornecer de base para os estudos dos discursos.

### **Aristóteles e a abrangência dos gêneros**

Aristóteles é, por muitos especialistas, considerado o inventor do método científico. Não o método moderno tal qual utilizamos na atualidade, derivado de estudiosos como Descartes, Bacon, Newton, Galileu, mas um método de investigação rigoroso, que visa separar a ciência (*episteme*) da opinião (*doxa*).

Para fazer essa distinção, dispõe de uma organização categórica para observar a realidade e passa a utilizá-la em todas as áreas em que pretende estudar, como a física, a biologia, a zoologia, a política, a retórica. O seu livro *Órganon*<sup>4</sup> é o que nos dá a base do seu pensamento lógico-científico. É por meio dele que constatamos a busca pela essência das coisas e qual a melhor maneira de explicá-las.

Para Aristóteles, tudo que há no mundo possui uma substância e é marcada por dois tipos: as primárias e as secundárias. As primárias são as mais estritas, “na acepção fundamental do termo, é aquilo que não é dito de um sujeito nem em um sujeito”<sup>5</sup> é a

---

<sup>1</sup> BRASIL, 1997, p.23

<sup>2</sup> Bakhtin, 2015, pp. 261-270.

<sup>3</sup> Aristóteles, 2013, pp.53-110.

<sup>4</sup> Aristóteles, 2016.

<sup>5</sup> Ibid., pag. 42.

essência, o que permanece estável. A título de exemplo, o filósofo grego Sócrates é um indivíduo, um ser concreto, a causa primária e, por consequência, a substância primária. Podemos dizer que Sócrates é da espécie (*eidos*) humana, que reúne vários indivíduos da mesma espécie (Sócrates, Platão, Aristóteles, Parmênides e todos os outros humanos) e do gênero (*genos*) animal, uma categoria mais ampla, porque reúne várias espécies (humana, animal, vegetal, bacterianas, dentre outras). Tanto espécie quanto gênero são substâncias secundárias, pois só podem existir em razão do ser concreto, da substância primária.

Dito isso, aplicamos a mesma lógica ao termo “gêneros do discurso” aristotélico. A materialização de um discurso é a substância primária, porque é a existência concreta; existente em si e por si. Esse discurso pertence a uma espécie (*eidos*), que reúne discursos semelhantes em um gênero (*genos*), de categoria mais ampla, porque reúne várias espécies de discursos.

Em seu livro Retórica<sup>6</sup>, Aristóteles define os contextos em que oradores vão defender suas teses e, ancorado na mesma metodologia analítica de observação da realidade, chega em três espécies (*eidos*): i.) deliberativa; ii.) forense; e iii.) demonstrativa. Essas três espécies se agrupam em um gênero (*genos*), qual seja, o gênero do discurso. Então, do ponto de vista discursivo, os gêneros do discurso aristotélicos são definidos como: gêneros (*genos*) deliberativo (*eidos*), forense (*eidos*) e demonstrativo (*eidos*).

A retórica, de acordo com Aristóteles, é a faculdade de observar, em cada caso, o que é próprio para criar a persuasão e opera nas espécies dos gêneros com finalidades específicas. Portanto, os gêneros do discurso aristotélico têm caráter exclusivamente argumentativo, persuasivo. Em cada uma das espécies, o orador objetiva persuadir de acordo com a finalidade do gênero.

No **gênero deliberativo**, a intenção do orador é induzir seu auditório a fazer ou a não fazer algo. Está associado ao tempo futuro, ao porvir, e a preocupação é mostrar que determinadas escolhas podem ser benéficas, quando o objetivo é fazê-las, ou prejudiciais, quando o objetivo é deixar de fazê-las. O contrário também é verdadeiro. Pode-se optar

---

<sup>6</sup> Aristóteles, 2013.

por mostrar que determinadas escolhas podem ser prejudiciais, se fazê-las, ou benéficas, se optar por não as fazer.

No **gênero forense**, o objetivo é a acusação ou a defesa de alguém. Discute-se um fato ocorrido, tempo pretérito, e a preocupação é mostrar o quão justo seria inocentar ou quão injusto seria condenar alguém, se a função for defender. Obviamente, a posição seria contrária se a função fosse acusar, ou seja, mostrar o quão justo seria condenar e quão injusto seria absolver.

No **gênero demonstrativo** ocupa-se em louvar ou censurar, como forma de reforçar valores morais. Vincula-se a algo que acontece/permanece no tempo presente. A preocupação está em reforçar valores a serem adquiridos, propor mudança de postura. De forma análoga, pode-se refutar valores a serem rejeitados.

Logo, os gêneros do discurso aristotélico foi a classificação dada por Aristóteles para contribuir com o orador, no ato retórico, a criar a melhor estratégia argumentativa para persuadir o auditório. Vejamos alguns exemplos da aplicação concreta dessa contribuição.

### **Gênero deliberativo**

Eu quero agradecer a Deus essa oportunidade. Quero agradecer a você que tá aí há muito tempo esperando terminar esse debate, ouviu os candidatos. Quero agradecer à Globo. E quero dizer para o povo brasileiro que se depender, sabe, de você e se você quiser, eu poderei ser o próximo Presidente da República para restabelecer a harmonia nesse país. Possivelmente, os melhores momentos que esse país viveu, essas últimas décadas, foi no tempo que eu governei esse país, porque não tinha briga, não tinha confusão, não tinha ódio. O MEC era o maior vendedor de livro do mundo. Eram distribuídos dezesseis milhões de livros didáticos para o ensino médio. A cultura funcionava. A educação funcionava. O povo trabalhava. O salário aumentava. Durante meu período de governo o salário aumentou todo ano acima da inflação. E a gente pode reconstruir esse país. Depende única e exclusivamente de você ir votar no domingo. Eu espero que tenha merecido a sua consideração e peço pra você votar no treze. Votar no treze pra gente poder voltar a consertar esse país, fazer o país crescer, gerar emprego, distribuir renda e povo voltar a comer bem”<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Considerações finais do então candidato à Presidência da República, Luís Inácio Lula da Silva, no debate com Jair Messias Bolsonaro, nas eleições de 2022, realizada pela Rede Globo de Televisão. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/28/debate-da-globo-do-2o-turno-para-presidente-veja-integra-em-videos.ghtml>. Consultado em nov./2025.

O orador, nesse texto oral, tem o objetivo de pedir o voto dos eleitores. A pretensão é persuadi-los de que sua candidatura é mais benéfica do que a do oponente. Assim, fornece os motivos caso seja o vencedor da eleição. Os trechos a seguir comprovam essas afirmações. Benefícios: “restabelecer a harmonia nesse país”, “E a gente pode reconstruir esse país”, “voltar a consertar esse país”, “fazer o país crescer”, “gerar emprego”, “distribuir renda”, “voltar a comer bem”. Os motivos são dados e é possível ver que todos apontam para o futuro. Todos os benefícios acontecerão, caso eu seja o vencedor. O passado pode até ser utilizado, mas como forma de resgatar o que foi perdido, como: “os melhores momentos que esse país viveu, essas últimas décadas, foi no tempo que eu governei esse país”, “não tinha briga, não tinha confusão, não tinha ódio”, “A cultura funcionava”, “A educação funcionava”, “O povo trabalhava”, “O salário aumentava”. Foi a forma de o orador persuadir pela memória: votem em mim que trarei de volta, ou seja, futuro, o que vocês perderam.

### **Gênero Forense**

Excelente atiradora e conhecedora de armas, substituiu o cano da arma utilizada por um outro que mantinha, de modo a inviabilizar definitivamente eventual exame pericial de confronto do projétil com a pistola, bem como comprovação de disparo recente. Perpetrado o crime, era o momento de se livrar do indesejável cadáver, e para isso já tinha também previamente desenvolvido um plano. Iria esquartejá-lo e transportá-lo para local distante. Dotada de conhecimento na área de enfermagem, colocou-o em prática, dentro de um quarto destinado aos hóspedes, para onde arrastou o corpo. Por ter trabalhado em centro cirúrgico e conhecedora da anatomia humana, em termos ósseos, sabia onde realizar os cortes. Sabia que o joelho é preso por cartilagem e ligamento, e assim cortou as pernas. Cortou os braços, com antebraço e mão. Da mesma forma cortou a barriga, na região da cintura, separando a genitália e as coxas do tronco, conforme comprovam as fotos de fls. 49/50 e 460/481. Após o esquartejamento - atividade que lhe consumiu a noite toda -, inseriu as partes, junto com a cabeça e as roupas que Marcos usava, em sacos plásticos apropriados para lixo, e acondicionou-os em três malas de viagem, dividindo o peso, o que lhe facilitaria o transporte.<sup>8</sup>

O orador, nesse excerto, tem o objetivo de acusar a ré de que cometeu o crime de assassinato contra o marido. É possível inferir que o discurso se preocupou em dar os motivos para a condenação da acusada, como: “de molde a inviabilizar definitivamente

---

<sup>8</sup> Acusação da Promotoria no caso Elize Matsunaga. Um homicídio amplamente divulgado pela mídia. Disponível em [https://media.folha.uol.com.br/cotidiano/2012/06/19/elize\\_matsunaga.pdf](https://media.folha.uol.com.br/cotidiano/2012/06/19/elize_matsunaga.pdf). Consultado em nov./2025.

eventual exame pericial”, “Perpetrado o crime”, “momento de se livrar do indesejável cadáver”, “previamente desenvolvido um plano”, “Iria esquartejá-lo”, “sabia onde realizar os cortes”, “Sabia que o joelho é preso por cartilagem e ligamento”, “cortou as pernas”, “Cortou os braços”, “Da mesma forma cortou a barriga”, “Após o esquartejamento”, “inseriu as partes, junto com a cabeça e as roupas”, “acondicionou-os em três malas de viagem, dividindo o peso, o que lhe facilitaria o transporte”. Todo o discurso se ancora em fatos ocorridos, passados, e dá ao auditório os motivos para a sua condenação.

### **Gênero Demonstrativo**

Contemplando vocês que hoje estão aqui presentes, me vem à mente a história de São Francisco de Assis. Diante do Crucifixo, ele escuta a voz de Jesus que lhe diz: «Francisco, vai e repara a minha casa». E o jovem Francisco responde, com prontidão e generosidade, a esta chamada do Senhor para reparar sua casa. Mas qual casa? Aos poucos, ele percebe que não se tratava fazer de pedreiro para reparar um edifício feito de pedras, mas de dar a sua contribuição para a vida da Igreja; era colocar-se ao serviço da Igreja, amando-a e trabalhando para que transparecesse nela sempre mais a Face de Cristo. Também hoje o Senhor continua precisando de vocês, jovens, para a sua Igreja. Queridos jovens, o Senhor precisa de vocês! Ele também hoje chama a cada um de vocês para segui-lo na sua Igreja e ser missionário. Hoje, queridos jovens, o Senhor lhes chama! Não em magote, mas um a um... a cada um. Escutem no coração aquilo que lhes diz. Penso que podemos aprender algo daquilo que sucedeu nestes dias: por causa do mau tempo, tivemos de suspender a realização desta Vigília no “*Campus Fidei*”, em Guaratiba. Não quererá porventura o Senhor dizer-nos que o verdadeiro “*Campus Fidei*”, o verdadeiro Campo da Fé não é um lugar geográfico, mas somos nós mesmos? Sim, é verdade! Cada um de nós, cada um de vocês, eu, todos. E ser discípulo missionário significa saber que somos o Campo da Fé de Deus. Ora, partindo da denominação Campo da Fé, pensei em três imagens que podem nos ajudar a entender melhor o que significa ser um discípulo missionário: a primeira imagem, o campo como lugar onde se semeia; a segunda, o campo como lugar de treinamento; e a terceira, o campo como canteiro de obras<sup>9</sup>.

Nesse texto, o Papa Francisco traz à tona valores, por meio de exemplificação, com o objetivo de induzir condutas. É possível observar os exemplos nas passagens: “E o jovem Francisco responde, com prontidão e generosidade”, “dar a sua contribuição para

---

<sup>9</sup> Discurso do Papa Francisco, em vista ao Brasil, em Copacabana, Rio de Janeiro, em 27 de julho de 2013, na XXVIII jornada mundial da juventude. Disponível em [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco\\_20130727\\_gmg-veglia-giovani.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130727_gmg-veglia-giovani.html). Consultado em nov./2025.



a vida da Igreja”, “colocar-se ao serviço da Igreja”, “amando-a e trabalhando para que transparecesse nela sempre mais a Face de Cristo”. E, na sequência, convida os jovens para seguir esse caminho: “Queridos jovens, o Senhor precisa de vocês”, “Ele também hoje chama a cada um de vocês para segui-lo na sua Igreja e ser missionário”, “Escutem no coração aquilo que lhes diz”, “Cada um de nós, cada um de vocês, eu, todos”, “E ser discípulo missionário significa saber que somos o Campo da Fé de Deus”, “pensei em três imagens que podem nos ajudar a entender melhor o que significa ser um discípulo missionário”, “a primeira imagem, o campo como lugar onde se semeia”, “a segunda, o campo como lugar de treinamento”, “a terceira, o campo como canteiro de obras”.

### **Bakhtin e a especificidade dos gêneros**

O Filósofo russo aparece em tempos bem diferentes de Aristóteles. A sua preocupação não está em iniciar uma classificação, mas criticar um movimento social muito importante na Rússia, nas primeiras décadas no século XX: o formalismo russo.

De acordo com Schnaiderman (2018), o formalismo russo nasce com um grupo de jovens que têm por objetivo promover os estudos de poética e linguística, na Universidade de Moscou e são altamente contra as interpretações extraliterárias do texto, pois “o que importava era o *priom*, ou processo, isto é, o princípio da organização da obra como produto estético, jamais um fator externo”<sup>10</sup>. Para esses formalistas, a função da poesia era estética. A preocupação recai sobre o que torna uma obra literária, que é a literalidade e não as interpretações de ordem sociológica e política, que submetia a estética à ética.

Ainda que os avanços dos estudos desse grupo sejam significativos, inicia um movimento de crítica pela ênfase excessiva na forma e o constante desprezo pelos aspectos extraliterários, como as condições históricas e ideológicas. É nessa esteira que se insere o filósofo russo: um dos principais teóricos do movimento que é conhecido como círculo de Bakhtin.

Bakhtin afirma a existência de uma propriedade dialógica na língua, em seu uso real. Essa propriedade não tem nenhuma alusão com a modalidade de conversa face a

---

<sup>10</sup> Schnaiderman, 2018, p. 161.



face. Como não temos acesso direto à realidade, pois qualquer ponto de vista da é sempre mediado pela linguagem, “todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam”<sup>11</sup>. Esse filósofo não invalida a visão dos formalistas e confere justificativa científica aos seus estudos, contudo, desde que seja uma abstração. Os fenômenos esquemáticos da língua não representam o real caráter da interação linguística, pois ignoram o dialogismo existente na relação comunicativa, viva, entre as pessoas.

Esse caráter dialógico é externado por meio de enunciados, pois é carregado de atributos histórico e ideológicos, que se diferem do esquema abstrato da língua, que é neutro, não se dirige a ninguém. A título de exemplo, quando se afirma que negros e brancos têm a mesma capacidade intelectual, do ponto de vista da abstração da língua, se encerra em sujeito composto, verbo transitivo direto e objeto direto. É neutro. No entanto, quando enunciada, “preconiza a superioridade intelectual dos brancos em relação a outras etnias. Essa declaração deixa ver seu direito, a afirmação de igualdade entre brancos e negros, e seu avesso, a superioridade intelectual dos brancos”<sup>12</sup>, quer dizer, dialoga com enunciados anteriores. Para se fazer essa afirmação, informações históricas e ideológicas são trazidas à tona. Logo, o enunciado carrega em si o que Bakhtin chama de caráter dialógico da língua.

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos de gêneros do discurso.<sup>13</sup>

Portanto, gêneros do discurso para Bakhtin é definido por tipos de enunciados, relativamente estáveis, porque pode ter pequenas variações dentro de cada campo de

---

<sup>11</sup> Fiorin, 2010, p. 19.

<sup>12</sup> Fiorin, 2010, p.24.

<sup>13</sup> Bakhtin, 2015, pp. 261-262.

atividade humana, composto por conteúdo temático, estilo e construção composicional. A indissociabilidade desses três elementos é o que esse filósofo propõe para contribuir com os estudos dos discursos.

O **conteúdo temático** se refere a um domínio de sentido. Não é o texto em si, mas a qual atividade comunicativa está ligado. As “cartas de amor apresentam o conteúdo temático das relações amorosas. [...] As aulas versam sobre o ensinamento de um programa do curso. As sentenças têm como conteúdo temático uma decisão judicial”<sup>14</sup>.

O **estilo** diz respeito a escolha dos meios linguísticos utilizados dentro de um conteúdo temático. É “uma seleção de certos meios lexicais, fraseológicos e gramaticais em função da imagem do interlocutor”<sup>15</sup>. Como o enunciado tem caráter dialógico, não adianta, por exemplo, um médico escrever ao paciente com a utilização de termos excessivamente técnicos. Não é aceito, também como exemplo, fazer uma petição a um juiz de direito com a utilização de gírias, palavras de baixo calão.

A **construção composicional** está associada à finalidade da atividade comunicativa. É o modo de estruturar o texto. Por exemplo, de uma petição a um juiz espera-se encontrar as partes envolvidas, o conflito, a lei e o pedido que será realizado. De uma receita de bolo, espera-se os ingredientes, a quantidade de cada um e o modo de fazer. Em geral, dado que, segundo Bakhtin, os enunciados são tipos relativamente estáveis, o interlocutor, em um determinado contexto, anseia por informações que satisfaçam a modalidade comunicativa.

Logo, os gêneros do discurso bakhtiniano não têm relação direta com a argumentação. A preocupação recai sobre a relação da língua com as finalidades atividades humanas, as formas que compõem um enunciado e que permitem a comunicação entre os interlocutores, pois, em paráfrase do filósofo russo, se não estivesse os gêneros, com as formas socialmente dadas, a comunicação não seria possível. Vejamos os mesmos discursos acima analisados sobre essa ótica.

### Gênero Debate Eleitoral

---

<sup>14</sup> Fiorin, 2010, p.62

<sup>15</sup> Ibid.

Eu quero agradecer a Deus essa oportunidade. Quero agradecer a você que tá aí há muito tempo esperando terminar esse debate, ouviu os candidatos. Quero agradecer à Globo. E quero dizer para o povo brasileiro que se depender, sabe, de você e se você quiser, eu poderei ser o próximo Presidente da República para restabelecer a harmonia nesse país. Possivelmente, os melhores momentos que esse país viveu, essas últimas décadas, foi no tempo que eu governei esse país, porque não tinha briga, não tinha confusão, não tinha ódio. O MEC era o maior vendedor de livro do mundo. Eram distribuídos dezesseis milhões de livros didáticos para o ensino médio. A cultura funcionava. A educação funcionava. O povo trabalhava. O salário aumentava. Durante meu período de governo o salário aumentou todo ano acima da inflação. E a gente pode reconstruir esse país. Depende única e exclusivamente de você ir votar no domingo. Eu espero que tenha merecido a sua consideração e peço pra você votar no treze. Votar no treze pra gente poder voltar a consertar esse país, fazer o país crescer, gerar emprego, distribuir renda e povo voltar a comer bem”<sup>16</sup>.

Em relação ao **conteúdo temático**, o gênero é um debate entre dois candidatos ao cargo de Presidente da República. O excerto traz as alegações finais de um deles. O domínio de sentido se refere a propostas de governo. Já, sobre o **estilo**, há informalidade na comunicação. Isso está presente no uso da supressão de fonema no uso das palavras, como “tá”, “aí”, “pra”. O uso de recurso de interação, como “sabe”, que não foi usado como um verbo. A simplicidade na construção das orações, na maioria das vezes curtas, como “A cultura funcionava”, “A educação funcionava”, “O povo trabalhava”, “O salário aumentava”. Quanto à **construção composicional**, como não foi trazido todo o texto oral, a análise fica um pouco prejudicada, mas o interlocutor, por ser um ramo da atividade humana em que quase todos participam, espera a presença de debatedores, propostas, mediação e alegações finais. São essas três características, indissociáveis, que torna a interação comunicativa compreensível, de acordo com Bakhtin.

### **Gênero Ação Penal**

Excelente atiradora e conhecedora de armas, substituiu o cano da arma utilizada por um outro que mantinha, de modo a inviabilizar definitivamente eventual exame pericial de confronto do projétil com a pistola, bem como comprovação de disparo recente. Perpetrado o crime, era o momento de se livrar do indesejável cadáver, e para isso já tinha também previamente

---

<sup>16</sup> Considerações finais do então candidato à Presidência da República, Luís Inácio Lula da Silva, no debate com Jair Messias Bolsonaro, nas eleições de 2022, realizada pela Rede Globo de Televisão. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/28/debate-da-globo-do-2o-turno-para-presidente-veja-integra-em-videos.ghtml>. Consultado em nov./2025.

desenvolvido um plano. Iria esquartejá-lo e transportá-lo para local distante. Dotada de conhecimento na área de enfermagem, colocou-o em prática, dentro de um quarto destinado aos hóspedes, para onde arrastou o corpo. Por ter trabalhado em centro cirúrgico e conhecedora da anatomia humana, em termos ósseos, sabia onde realizar os cortes. Sabia que o joelho é preso por cartilagem e ligamento, e assim cortou as pernas. Cortou os braços, com antebraço e mão. Da mesma forma cortou a barriga, na região da cintura, separando a genitália e as coxas do tronco, conforme comprovam as fotos de fls. 49/50 e 460/481. Após o esquartejamento - atividade que lhe consumiu a noite toda -, inseriu as partes, junto com a cabeça e as roupas que Marcos usava, em sacos plásticos apropriados para lixo, e acondicionou-os em três malas de viagem, dividindo o peso, o que lhe facilitaria o transporte.<sup>17</sup>

O **conteúdo temático** se relaciona à acusação de uma ré. O domínio de sentido figura-se em uma das dezenas de possibilidades de interagir com o Poder Judiciário. O **estilo** é formal, marcado pelo uso de escolhas lexicais poucos usuais no cotidiano, como “perpetrado”, “inviabilizar”, “indesejável”, “previamente”. Há, também, o uso constante de ênclise, típico da escrita formal, como “esquartejá-lo”, “transportá-lo”, “colocou-o”, “acondicionou-os”. As orações são longas, com uso de expressões adverbiais extensas, como “Excelente atiradora e conhecedora de armas”, “Por ter trabalhado em centro cirúrgico e conhecedora da anatomia humana”, “Após o esquartejamento - atividade que lhe consumiu a noite toda”. Uso de apostos, como “dentro de um quarto destinado aos hóspedes”, “junto com a cabeça e as roupas que Marcos usava”, “na região da cintura”, “dividindo o peso”. A construção composicional tem relação com a parte em que o Promotor de Justiça dá as razões aos jurados e ao juiz de que a ré deve ser condenada. É o que o interlocutor espera desse tipo de comunicação. Se é para ser condenada, dê as razões.

### **Gênero Vigília de Oração**

Contemplando vocês que hoje estão aqui presentes, me vem à mente a história de São Francisco de Assis. Diante do Crucifixo, ele escuta a voz de Jesus que lhe diz: «Francisco, vai e repara a minha casa». E o jovem Francisco responde, com prontidão e generosidade, a esta chamada do Senhor para reparar sua casa. Mas qual casa? Aos poucos, ele percebe que não se tratava

---

<sup>17</sup> Acusação da Promotoria no caso Elize Matsunaga. Um homicídio amplamente divulgado pela mídia. Disponível em [https://media.folha.uol.com.br/cotidiano/2012/06/19/elize\\_matsunaga.pdf](https://media.folha.uol.com.br/cotidiano/2012/06/19/elize_matsunaga.pdf). Consultado em nov./2025.

fazer de pedreiro para reparar um edifício feito de pedras, mas de dar a sua contribuição para a vida da Igreja; era colocar-se ao serviço da Igreja, amando-a e trabalhando para que transparecesse nela sempre mais a Face de Cristo. Também hoje o Senhor continua precisando de vocês, jovens, para a sua Igreja. Queridos jovens, o Senhor precisa de vocês! Ele também hoje chama a cada um de vocês para segui-lo na sua Igreja e ser missionário. Hoje, queridos jovens, o Senhor lhes chama! Não em magote, mas um a um... a cada um. Escutem no coração aquilo que lhes diz. Penso que podemos aprender algo daquilo que sucedeu nestes dias: por causa do mau tempo, tivemos de suspender a realização desta Vigília no “*Campus Fidei*”, em Guaratiba. Não quererá porventura o Senhor dizer-nos que o verdadeiro “*Campus Fidei*”, o verdadeiro Campo da Fé não é um lugar geográfico, mas somos nós mesmos? Sim, é verdade! Cada um de nós, cada um de vocês, eu, todos. E ser discípulo missionário significa saber que somos o Campo da Fé de Deus. Ora, partindo da denominação Campo da Fé, pensei em três imagens que podem nos ajudar a entender melhor o que significa ser um discípulo missionário: a primeira imagem, o campo como lugar onde se semeia; a segunda, o campo como lugar de treinamento; e a terceira, o campo como canteiro de obras<sup>18</sup>.

O **conteúdo temático** é do domínio religioso, especificamente uma vigília, que objetiva não só orar, mas também refletir sobre determinado assunto. No excerto acima, o santo padre convida os seus interlocutores ao espírito missionário, a seguir as ideias de Jesus Cristo em sua igreja. O **estilo**, embora seja um texto oral, que tende a informalidade, oferece muitos trechos formais, com orações extensas, intercaladas com apostos, como “E o jovem Francisco responde, com prontidão e generosidade, a esta chamada do Senhor para reparar sua casa”, “Ora, partindo da denominação Campo da Fé, pensei em três imagens que podem nos ajudar a entender melhor o que significa ser um discípulo missionário”. A utilização de termo em latim, como “*Campus Fidei*”. A **construção composicional** é marcada pelo exemplo de autoridade espiritual, como Jesus e São Francisco de Assis, com posterior convite a seguir os passos deles. É o que espera o interlocutor de uma vigília: o exemplo, a autoridade de referência e o convite.

#### **Aristóteles e Bakhtin: encontros e desencontros**

---

<sup>18</sup> Discurso do Papa Francisco, em vista ao Brasil, em Copacabana, Rio de Janeiro, em 27 de julho de 2013, na XXVIII jornada mundial da juventude. Disponível em [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco\\_20130727\\_gmg-veglia-giovani.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130727_gmg-veglia-giovani.html). Consultado em nov./2025.

Utilizamos os mesmos textos para analisá-los pela ótica dos dois teóricos e evidenciar a diferença de conceito entre eles. De início, é possível ver que os próprios títulos utilizados nos excertos são diferentes.

No primeiro excerto na seção de Aristóteles, chamamos de Gênero Deliberativo. Para Aristóteles, a classificação do gênero não tem relação com a especificidade. Se um orador pretende convencer seu auditório sobre fazer ou deixar de fazer uma ação, mediante a explanação de ser útil ou prejudicial, está-se diante de um contexto deliberativo. No primeiro excerto na seção de Bakhtin, chamados de Gênero Debate Eleitoral, porque a preocupação está na expectativa entre os interlocutores e expectadores. Se o debate é sobre eleição, há a expectativa da existência de propostas, perguntas, réplicas, tréplicas e a finalidade é escolher o melhor candidato. Mas, se o debate é sobre fazer ou não fazer a reforma de um espaço comum de um prédio, a finalidade é votar sim ou não e, por isso, o gênero tem outro objetivo e poderia ser chamado de gênero assembleia condominial, ou seja, o gênero em Bakhtin requer a especificidade, pois a finalidade muda.

No segundo excerto em Aristóteles, chamados de Gênero Forense. Não importa, para Aristóteles, se o assunto é uma ação penal, um *habeas corpus* nem embargo de declaração ou qualquer outro instrumento jurídico. A importância está no fato de a discussão versar sobre acontecimentos do passado, com o objetivo de condenar ou absolver alguém dos atos cometidos. É genérico. A importância está no tempo, na culpa ou na inocência. Para Bakhtin, a especificidade é importante. O gênero ação penal consiste em oferecer razões para condenar uma pessoa. O que se espera é o motivo da acusação e as razões para a condenação. No entanto, um advogado pode peticionar ao juiz para obrigar um órgão público a dar informações que nega a fornecer. Não se está diante de condenar ou absolver, mas tão somente de usar a força do Estado para obrigar um órgão público a fazer o que se recusa. Nesse caso, o nome do gênero é *Habeas Data* e o esperado é que o advogado diga quais são as informações de que necessita e mostrar em qual lei está amparado. A finalidade muda.

No terceiro e último excerto, chamamos de Gênero Demonstrativo, em Aristóteles. O objetivo é reforçar valores morais e persuadir o auditório a adesão desses valores. Não importa se são religiosos, éticos, cívicos. Para Bakhtin, a especificidade é

sempre importante, dada a finalidade da demonstração. O gênero vigília de oração tem objetivo diferente de catequese, de homilia. Cada especificidade leva seu adjetivo ao gênero, de acordo com o que se espera da interação comunicativa.

Em relação ao estilo e a construção composicional, que é de suma importância para Bakhtin, não tem a menor importância para Aristóteles sobre a classificação do gênero. Se a fala é sobre o futuro, a formalidade ou a informalidade não muda o fato de que o orador quer persuadir o auditório a fazer ou deixar de fazer algo no futuro. A mesma lógica vale para o gênero forense e demonstrativo. A construção composicional procede de forma análoga. Não há, em Aristóteles, nenhuma expectativa em estabilidade na materialização do discurso. A persuasão, inclusive, é tida como um ato de criatividade.

Obviamente, ambos os teóricos estão preocupados com a interlocução. Bakhtin se preocupa com a estabilidade dos gêneros e a sua característica dialógica, que possibilita o entendimento entre os envolvidos. Aristóteles, por seu turno, não pensa em dialogismo, mas entende que atingir a razão e a emoção do auditório é crucial para chegar à persuasão, logo, cada um a seu modo, avaliza a necessidade de orador/enunciador ter uma comunicação viável com o auditório/enunciatário<sup>19</sup> para atingir a finalidade comunicativa.

### **Considerações Finais**

A interdisciplinaridade é muito positiva para os pesquisadores. Oferece teorias discutidas sob diferentes pontos de vista sobre o mesmo objeto e contribui para reforçar os resultados obtidos. No entanto, como pôde ser observado, termos homônimos podem gerar estranheza teórica, pois remetem a conceitos diferentes.

Se um pesquisador diz que usará a retórica como referencial teórico e trazer especificidade para o gênero do discurso, subverte o conceito aristotélico de tempo e finalidade argumentativa, pois se preocupa com o domínio de sentido do texto. De forma análoga, se utilizar Bakhtin como referencial teórico e trazer a generalidade aristotélica, subverte a finalidade da atividade comunicativa, porque rompe com a tríade indissociável

---

<sup>19</sup> São termos diferentes para se referir às mesmas pessoas. Orador/enunciador são os que falam. Auditório/enunciatário são os que ouvem.



de gênero bakhtiniano, quais sejam, conteúdo temático, estilo e construção composicional.

### Referências

ARISTÓTELES. *Retórica*. São Paulo: Edipro. 2013.

\_\_\_\_\_. *Órganon*. São Paulo: Edipro. 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes. 2015.

BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. Brasília, MEC/SEF. Disponível em <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/livro02.pdf>. Consultado em nov./2025.

G1.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Editora Ática. 2010.

SCHNAIDERMAN, Boris. *Teoria da literatura: formalistas russos*. Revista eletrônica Literatura e Sociedade. Edição Especial, Nº 26, 2018.